

RICHELLE
MEAD

SILÊNCIO

1ª edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO

2016

*Em memória do meu pai, que perdeu a visão,
mas jamais a capacidade de enxergar.*

CAPÍTULO 1

MINHA IRMÃ ESTÁ EM APUROS, e tenho poucos minutos para ajudá-la.

Ela não percebe o problema. Tem tido dificuldade para enxergar muitas coisas ultimamente, e essa é a questão.

As pinceladas estão erradas, sinalizo para ela. As linhas ficaram tortas, e você confundiu algumas cores.

Zhang Jing se afasta da tela, e a surpresa ilumina seu rosto por um instante antes de o desespero surgir. Não é a primeira vez que esse tipo de erro acontece. E uma intuição insistente me diz que não será a última. Faço um pequeno gesto, pedindo que ela me entregue o pincel e as tintas. Ela hesita, percorrendo o salão com o olhar para ter certeza de que nenhum dos nossos colegas está olhando, mas todos estão concentrados demais em suas próprias telas, açoitados pela certeza de que nossos tutores chegarão a qualquer momento para avaliar os trabalhos. O senso de urgência que paira no ar é quase palpável. Aceno com a mão mais uma vez, insistentemente, e Zhang Jing abre mão dos instrumentos, recuando um passo para me deixar trabalhar.

Rápida como um raio, lanço-me sobre a tela, consertando as imperfeições. Suavizo as pinceladas irregulares, engrosso as linhas que ficaram finas demais e uso areia para corrigir os pontos em que a tinta ficou muito saturada. Esse trabalho com a caligrafia me absorve, como

sempre acontece quando estou lidando com arte. Perco a noção do mundo à minha volta, e sequer chego a perceber o que está escrito no trabalho de Zhang Jing. É apenas quando termino e dou um passo para trás a fim de conferir o resultado dos meus esforços que me dou conta das palavras que ela havia registrado na tela.

Morte. Fome. Cegueira.

Mais um dia triste em nosso povoado.

Não posso pensar nisso agora, não quando nossos tutores já estão quase chegando.

Obrigada, Fei, sinaliza Zhang Jing para mim, antes de pegar os instrumentos de volta.

Aceno rapidamente com a cabeça e corro de volta para minha tela do outro lado da sala, no mesmo instante em que um ruflar do assoalho anuncia a entrada dos anciões. Respiro fundo, sentindo-me grata por ter evitado mais uma vez que Zhang Jing tivesse problemas. E, com a onda de alívio, vem a constatação terrível que não tenho mais como negar: a visão da minha irmã está se esvaindo. O nosso povoado já teve que viver mergulhado no silêncio depois que nossos ancestrais perderam a audição muitas gerações atrás, por motivos desconhecidos, mas será que agora seremos lançados à escuridão? Esse é um destino que assusta a todos nós.

Preciso expulsar esses pensamentos e manter uma expressão de calma, pois meu mestre já está caminhando na minha direção por entre as fileiras de telas. Em nosso povoado existem seis anciões, e cada um deles supervisiona o trabalho de pelo menos dois aprendizes. Na maior parte dos casos, cada ancião já sabe quem será o seu substituto definitivo; mas, na frequência com que costumam acontecer doenças e acidentes por aqui, treinar um suplente é sempre uma precaução necessária.

Alguns aprendizes continuam disputando o lugar de substituto do seu tutor, mas sei que, no meu caso, a posição está garantida.

O ancião Chen agora se aproxima de mim, e me curvo numa reverência profunda. Seus olhos escuros, argutos e alertas apesar da idade avançada, passam direto pelo meu rosto para encarar a pintura. Está vestido de azul-claro, como todos nós, mas a túnica que usa por cima da calça é mais comprida que as dos aprendizes. Ela chega quase até os tornozelos e tem um acabamento de fio de seda roxo na barra. Sempre fico observando esse bordado enquanto o ancião Chen faz suas inspeções, e nunca me canso de olhar para ele. Há muito pouca cor na nossa vida cotidiana, e esse fio de seda cria um foco exuberante e precioso para o meu olhar. Qualquer variedade de tecido é um luxo por aqui, onde o povo precisa se esforçar dia após dia apenas para conseguir alimento. Com os olhos pregados no bordado roxo do ancião Chen, penso nas histórias antigas que falam de reis e nobres que se vestiam de seda dos pés à cabeça. Essa imagem me atordoia por um instante, transportando-me para além das paredes deste salão de trabalho, até que pisco os olhos e, relutantemente, volto a me concentrar na pintura que tenho à frente.

O ancião Chen está imóvel, observando meus traços, e seu rosto carrega uma expressão insondável. Enquanto Zhang Jing passou o dia pintando notícias tristes, minha tarefa fora a de retratar o último carregamento de alimentos recebidos, que incluía uma surpresa rara: rabanetes. Até que, por fim, ele solta as mãos, que estavam entrelaçadas diante do corpo.

Você registrou até mesmo as imperfeições das cascas dos rabanetes, sinaliza. A maioria das pessoas não teria reparado num detalhe como esse.

Vindo dele, esse é um enorme elogio.

Obrigada, mestre, respondo, então faço uma nova reverência.

O ancião segue adiante para examinar o trabalho da outra aprendiz, uma garota chamada Jin Luan, e ela lança um olhar invejoso na minha direção antes de se curvar em reverência para o tutor. Nunca houve dúvida sobre quem é a aluna favorita do ancião Chen, e sei que deve ser frustrante para Jin Luan sentir que, por mais que se esforce, jamais vai alcançar essa posição. Sou uma das melhores artistas do nosso grupo, e todos nós sabemos disso, porém, não me sinto mal por meu sucesso, principalmente porque sei do que abri mão para alcançá-lo.

Lanço um olhar para o outro lado do salão, onde a anciã Lian está examinando a caligrafia de Zhang Jing. O rosto dela permanece tão insondável quanto o do meu mestre enquanto observa detalhe por detalhe da tela da minha irmã. Percebo que estou prendendo a respiração e que estou muito mais nervosa do que fiquei durante a inspeção do meu próprio trabalho. Parada ao lado da tutora, Zhang Jing parece muito pálida, e sei que seu nervosismo tem o mesmo motivo que o meu: a possibilidade de que a anciã Lian nos denuncie por tentarmos disfarçar a crescente perda de visão de Zhang Jing. A tutora se detém na tela por muito mais tempo do que o ancião Chen passou estudando a minha, mas, finalmente, dá um aceno rápido de aprovação antes de passar para seu outro aprendiz. Zhang Jing deixa o corpo relaxar, aliviada.

Acabamos de enganar os tutores outra vez, mas não consigo me sentir mal por ter feito isso. Ao menos, não com a certeza de que o futuro de Zhang Jing é o que está em jogo. Se descobrirem que a visão dela está falhando, quase com certeza tirarão seu posto de aprendiz e a mandarão para trabalhar nas minas. Só de pensar nisso, já sinto um aperto no peito. Em nosso povoado, a verdade é que só existem três trabalhos possíveis: artista, minerador ou fornecedor de suprimentos. Nossos pais eram mineradores. Eles morreram jovens.

Depois que todas as inspeções terminam, chega o momento dos anúncios matinais. Hoje a anciã Lian é a encarregada de fazê-los, e ela sobe num palanque que há no salão para que suas mãos fiquem à vista de todos.

O trabalho de todos foi satisfatório, começa.

Essa é a forma de reconhecimento de praxe, e todos respondemos nos curvando em reverências. Depois que voltamos a erguer os olhos, ela prossegue:

Jamais se esqueçam de como o que fazemos aqui é importante. Vocês fazem parte de uma tradição muito antiga e louvada. Em breve, iremos ao povoado para iniciarmos nossas observações diárias. Sei que as coisas estão difíceis no momento, mas lembrem-se de que não faz parte de nossas incumbências interferir no que ocorre ali, alerta.

Faz uma pausa, correndo o olhar pelos rostos que assentem em concordância a esse conceito, que fora inculcado em nós com a mesma intensidade que a arte que produzimos. Interferências geram distração, atrapalhando tanto a ordem natural da vida no povoado quanto a precisão dos registros que fazemos. É preciso que sejamos observadores imparciais. A pintura das notícias do dia tem sido uma tradição local desde que nosso povo perdera a audição, muitos séculos atrás. Ouvi alguém contar que, antes disso, as notícias do dia eram gritadas pelo arauto da cidade, ou simplesmente passadas oralmente de pessoa para pessoa. Contudo, não sei muito bem o que significa “gritar”.

Apenas observamos e registramos, reitera a anciã Lian. Essa é a tarefa sagrada que desempenhamos há séculos, e, se nos desviarmos dela, estaremos prestando um desserviço ao povoado, além de negligenciarmos nossos deveres. O povo precisa dos registros para saber o que está acontecendo ao seu redor, e nossos descendentes também precisarão deles para entender a maneira como as coisas têm acon-

tecido por aqui. Agora, vão tomar o café da manhã e depois façam jus aos nossos ensinamentos.

Todos fazemos mais uma reverência, então nos acotovelamos à saída do ateliê em direção ao refeitório. Nossa escola se chama Paço do Pavão. Esse nome fora trazido pelos nossos ancestrais das terras mais belas e distantes do reino de Beiguo, localizadas além desta montanha, e pretende ser uma homenagem à beleza que criamos aqui dentro. Todos os dias, pintamos as notícias do povoado para serem lidas por todos. Mesmo que os registros sejam de informações muito simples, como a chegada de um carregamento de rabanetes, o trabalho sempre deve ser impecável e digno de ser preservado para a posteridade. Os registros de hoje logo serão levados para ser exibidos no coração do povoado, mas, antes disso, temos esse pequeno intervalo.

Zhang Jing e eu nos sentamos de pernas cruzadas no chão junto a uma mesa baixa, esperando pela refeição. Os serventes chegam para medir com atenção as nossas porções de mingau de painço, cuidando para que cada aprendiz receba exatamente a mesma quantidade. Comemos a mesma coisa no café da manhã todos os dias, e, embora sirva para espantar a fome, o mingau não me deixa exatamente satisfeita. Porém, isso é mais do que é dado aos mineradores e fornecedores, então devemos nos sentir gratas.

Zhang Jing faz uma pausa na sua refeição. *Isso não vai acontecer novamente*, ela sinaliza para mim. *Pode ter certeza.*

Agora não, respondo.

Esse assunto não pode sequer ser insinuado aqui no refeitório. E, de qualquer forma, apesar de suas palavras terem sido ousadas, o medo que vejo estampado no rosto dela me mostra que Zhang Jing não acredita no que disse. Os casos de cegueira têm aumentado em

nosso povoado, por razões tão misteriosas quanto as da surdez que acometeu nossos ancestrais. Geralmente, são apenas os mineradores que ficam cegos, o que torna a doença de Zhang Jing ainda mais misteriosa.

Um alvoroço de atividade na periferia do meu campo de visão me traz de volta daquele devaneio com um sobressalto. Ergo os olhos e vejo que os outros aprendizes também pararam de comer, e todos os olhares se voltam para a porta que separa o refeitório da cozinha. Um amontoado de serventes está reunido ali, mais do que normalmente costumo ver de uma vez só. Atentos às diferenças hierárquicas, eles em geral se mantêm longe do caminho dos aprendizes.

Uma mulher que reconheço como a cozinheira-chefe surge pela porta, com um menino correndo à sua frente. *Cozinheira* chega a ser um termo extravagante para o trabalho que faz, considerando que temos tão pouco alimento, e não há muito o que possamos fazer com ele. A mulher também supervisiona os serventes do Paço do Pavão. Meu corpo se encolhe involuntariamente quando ela bate no menino com uma força que o derruba. Já o vi por aqui, geralmente incumbido das tarefas de limpeza mais humilhantes. Uma conversa frenética de sinais está em curso entre os dois.

...achou que iria se safar?, reclama a cozinheira. *Onde estava com a cabeça para querer pegar mais do que a parte que lhe cabe?*

Não era para mim!, retruca o garoto. *Era para a família da minha irmã. Eles têm fome.*

Todos temos fome, dispara de volta a cozinheira. *Isso não é desculpa para roubar.*

Prendo a respiração num arfar de espanto quando me dou conta do que está acontecendo. Roubo de alimento é um dos crimes mais graves por aqui, e o fato ele de ter acontecido entre os serventes, que geral-

mente são mais bem alimentados que o resto da população, é especialmente chocante. O garoto agora consegue se pôr de pé, e encara corajosamente a ira da cozinheira.

Eles são uma família de mineradores e têm estado doentes, explica a ela. Os mineradores já recebem menos comida do que nós, e as rações da família foram cortadas por causa das faltas ao trabalho. Eu só estava tentando fazer uma divisão mais justa.

A dureza da expressão no rosto da cozinheira mostra que não se comoveu. *Bem, pois agora pode ir trabalhar com eles nas minas. Aqui não há lugar para ladrões. Quero que suma da minha frente antes de terminarmos de lavar a louça do café da manhã.*

O garoto enfraquece perante essas palavras, e o desespero toma conta do seu rosto. *Perdão. Posso abrir mão das minhas provisões para compensar o que peguei a mais. Isso não vai se repetir.*

Tenho certeza de que não vai, responde incisivamente a cozinheira.

Ela dá um breve aceno de cabeça para dois serventes mais corpulentos, e cada um pega o garoto por um dos braços, arrastando-o para fora do refeitório. Ele tenta se desvencilhar e protestar, mas não consegue lutar contra os dois ao mesmo tempo. A cozinheira assiste à cena com uma expressão impassível enquanto o queixo de todos os outros presentes cai de espanto. Quando o menino some de vista, ela e os outros serventes que não estão cuidando do nosso café da manhã desaparecem de volta para dentro da cozinha.

Zhang Jing e eu nos entreolhamos, chocadas demais para trocar qualquer palavra. Bastou um único momento de fraqueza para aquele servente tornar a sua vida significativamente mais difícil; e perigosa.

Depois que terminamos o café e voltamos para o ateliê, o roubo é o único assunto que se comenta entre os aprendizes. *Dá para acreditar?*

me pergunta alguém. *Como ele teve a audácia de pegar nossa comida para dar aos mineradores?!*

Quem fala comigo é Sheng. Ele, assim como eu, é um dos artistas mais conceituados do Paço do Pavão. E, ao contrário de mim, Sheng vem de uma linhagem de artistas e anciões. Acho que, às vezes, se esquece de que Zhang Jing e eu somos as primeiras da nossa família a conquistar esta posição.

Realmente, é uma coisa horrível, respondo de maneira neutra. Não tenho coragem de revelar o que penso de verdade: que tenho minhas dúvidas sobre a divisão de comida ser de fato justa. Faz tempo que aprendi que, para conservar a posição que tenho no Paço do Pavão, preciso deixar de lado qualquer simpatia pelos mineradores e passar a vê-los simplesmente como a força de trabalho braçal do nosso povoado. Nada mais que isso.

Ele merece um castigo pior que a dispensa, argumenta Sheng, com um tom ameaçador.

Junto à habilidade para as artes, ele tem um ar de insolência confiante que faz as pessoas quererem segui-lo, e, portanto, não me surpreendo quando noto alguns dos que caminham perto de nós acenarem com as cabeças em concordância. Sheng ergue a cabeça orgulhosamente diante dos olhares dos companheiros, exibindo os malares altos e perfeitamente delineados. A maior parte das garotas daqui também concorda que Sheng é o menino mais atraente da escola, embora isso nunca tenha surtido muito efeito para mim.

Espero que isso mude logo, aliás, pois estamos prometidos e vamos nos casar algum dia.

Num rompante de ousadia, e já sabendo que provavelmente estou cometendo um erro, pergunto: *Você não acha que a atitude do menino foi influenciada pelas circunstâncias? Pela vontade de ajudar a família doente?*

Isso não é desculpa, retruca Sheng. Todo mundo ganha o que merece aqui — nem mais, nem menos. Isso se chama equilíbrio. Se a pessoa não é capaz de cumprir o seu dever, não pode esperar que vá receber alimento em troca dele. Não concorda?

As palavras dele machucam o meu coração. Antes que possa me conter, olho de relance para Zhang Jing, que caminha do meu outro lado, então volto a encarar Sheng. *Sim*, respondo, triste. *É claro que concordo.*

Nosso grupo de aprendizes começa a juntar as telas a fim de levá-las para serem expostas no povoado. Algumas ainda estão com a tinta úmida e precisam ser manuseadas com mais cuidado. Quando saímos, o sol já aparece bem alto no horizonte, prometendo um dia claro de calor pela frente. Os raios reluzem nas folhas verdes das árvores espalhadas pelo povoado e seus galhos criam uma copa cerrada que sombreia a maior parte do caminho até o centro. Fico olhando para os desenhos que a luz cria no chão, filtrada pela trama das árvores. Por muitas vezes, já pensei em pintar esses respingos de luz quando tivesse a oportunidade. Mas nunca a tive.

Outra coisa que adoraria pintar são as montanhas. Estamos cercados por elas, e o povoado fica no topo de uma das mais altas. Isso nos dá paisagens incríveis para contemplar, mas também cria várias dificuldades. O pico onde estamos é cercado, em três dos seus lados, por escarpas íngremes. Os nossos ancestrais migraram para cá muitos séculos atrás, através de um desfiladeiro localizado no lado de trás da montanha, que era flanqueado por vales férteis e perfeitos para se plantar alimentos. Por volta da mesma época em que a audição desapareceu, fortes avalanches bloquearam o acesso a esse desfiladeiro, deixando-o cheio de pedregulhos e rochas bem mais altas do que qualquer ser humano. Isso prendeu nosso povo aqui, e impediu que cultivássemos nossas lavouras.

E foi então que o povoado entrou num acordo com o distrito localizado ao pé da montanha. Todos os dias, a maior parte da nossa população trabalha nas minas que há aqui em cima, extraindo toneladas de metais preciosos. Então, os fornecedores enviam esses metais para a cidade lá embaixo por uma tirolesa cujo cabo desce pela encosta. Em troca dos metais, eles nos mandam carregamentos de comida pelos mesmos cabos, já que não temos como produzir nada aqui no alto. O acordo vinha funcionando bem até que uma parte dos nossos mineradores começou a perder a visão e ficou sem poder trabalhar. Quando os fornecimentos de metal começaram a escassear, o mesmo aconteceu com o alimento que era mandado de volta.

À medida que meu grupo se aproxima do centro do povoado, posso ver mineradores se preparando para iniciar o dia de trabalho, vestindo suas roupas descoradas e com os rostos marcados pela exaustão. Até mesmo as crianças ajudam nas minas. Elas caminham para o trabalho ao lado dos pais e, em alguns casos, também dos avós.

No coração do povoado, deparamo-nos com aqueles que perderam a visão. Incapazes de enxergar e de ouvir, se tornaram pedintes e aglomeram-se à espera da esmola do dia. Sentam-se imóveis, segurando cumbucas, privados de qualquer capacidade de comunicação com o mundo; podendo apenas esperar até sentir a trepidação do chão que indica que há pessoas chegando, e torcer para que, talvez, tragam algo para garantir seu sustento. Enquanto observo, um dos fornecedores de suprimentos chega e deixa meio pãozinho na cumbuca de cada pedinte. Lembro-me de ter lido sobre esses pães nos registros quando chegaram no carregamento há alguns dias: já estavam velhos na ocasião, a maioria com mofo aparente. Mas não podemos nos dar ao luxo de jogar comida fora e as metades de pão são só o que os mendigos terão para comer até a noite, a menos que alguém tenha a bondade de dividir a própria provisão diária com eles. A cena faz meu estômago se revirar,

e desvio os olhos daquele grupo enquanto seguimos caminhando para o palanque central, onde já há trabalhadores retirando o mural com os registros de ontem.

Um relance de cor chama minha atenção, e vejo um melro-azul pousar no galho de uma árvore próxima à clareira. Da mesma maneira que o bordado de seda da túnica do ancião Chen, o brilho das penas dele me hipnotiza. Enquanto estou admirando o azul exuberante do pássaro, ele abre o bico por alguns instantes e depois corre o olhar em torno, cheio de expectativa. Não muito tempo depois, uma fêmea de penas mais discretas chega voando e pousa próximo a ele. Fico observando, boquiaberta, tentando entender o que aconteceu. Como ele a atraiu para perto de si? O que pode ter feito para se comunicar daquela maneira, mesmo estando fora do campo de visão da fêmea? Sei, pelas coisas que já li, que alguma coisa aconteceu quando abriu o bico; que o melro “cantou” para a fêmea e, de alguma maneira, conseguiu atraí-la, embora não estivesse por perto.

Um cutucão no ombro me informa que está na hora de parar com os devaneios. Chegamos até o estrado que fica no centro do povoado, e a maior parte dos moradores está reunida ao redor dele para ver o trabalho que fizemos. Subimos os degraus e penduramos as telas. Já fizemos isso muitas vezes, e cada um sabe sua função. O que era um monte de ilustrações e trabalhos de caligrafia avulsos no ateliê agora se encaixa, formando um mural coerente, que apresenta tudo o que aconteceu no dia anterior para o grupo de pessoas aglomeradas em frente ao palco. Depois de pendurar meus rabanetes, apresso-me em descer os degraus com os outros aprendizes e fico observando os rostos dos moradores enquanto leem os registros. Vejo as testas franzidas e olhares sombrios ao registrarem as notícias mais recentes sobre casos de cegueira e fome crescente. Os rabane-

tes não servem de consolo. Os traços da minha pintura podem estar perfeitos, mas se perdem no meio das notícias terríveis com que o povo precisa lidar nesse momento.

Alguns fazem o sinal contra o mal, um gesto que se usa para expulsar a má sorte. Aquilo parece ineficaz aos meus olhos, mas mineradores são extremamente supersticiosos. Acreditam que espíritos perdidos vagueiam pelo povoado à meia-noite e que a névoa ao redor da montanha é o hálito dos deuses. Uma das histórias mais populares que contam é que nossos ancestrais perderam a audição depois que criaturas mágicas chamadas *pixius* resolveram dormir e decidiram que queriam que a montanha ficasse em silêncio. Fui criada para acreditar nessas lendas também, mas a educação que recebi no Paço do Pavão me deu uma visão mais objetiva do mundo.

Pouco a pouco, mineradores e fornecedores dão as costas para os registros e seguem na direção de seus afazeres. O ancião Chen sinaliza para os aprendizes, *Assumam seus postos. E lembrem-se: apenas observem. Não interfiram.*

Estava começando a seguir os outros quando meus olhos flagram a anciã Lian voltando a subir os degraus do palanque onde o mural está montado. Parece examinar todo o trabalho novamente, estudando minuciosamente cada caractere pintado. Esse escrutínio não faz parte da rotina. Os outros aprendizes já seguiram adiante, mas não consigo me mexer; não até descobrir o que exatamente ela está fazendo ali.

A tutora fica parada ali por mais um tempo, e, quando finalmente se afasta do mural, seu olhar encontra o meu. Um instante mais tarde, seus olhos recaem sobre algo que está atrás de mim. Viro-me e vejo Zhang Jing parada ali, nervosa, retorcendo as mãos. A anciã Lian desce as escadas. *Vão para os seus postos*, sinaliza. O fio de seda do bordado na barra da sua túnica é vermelho, e a cor reluz sob os raios de sol quando passa por nós.

Engolindo em seco, seguro Zhang Jing pelo cotovelo e a afasto do centro do povoado, empurrando-a para longe dos pedintes cegos. Forço-me a lembrar que são, em sua maioria, velhos e ex-mineradores. Minha irmã não é como eles. Não tem nada a ver com eles. Aperto sua mão enquanto seguimos.

Ela vai melhorar, digo para mim mesma. Não vou deixar que Zhang Jing vá parar no meio dessas pessoas.

Repito essas palavras mentalmente sem parar enquanto vamos deixando os pedintes para trás. Mas isso não tem o poder de apagar a imagem que registrei dos seus rostos encovados e dos olhares vazios, sem esperança.